

Moura, A. S. C. et al.



PESQUISA

Conhecimento sobre plantas medicinais e fitoterápicos: um estudo com acadêmicos de nutrição*Knowledge about plants medicinal and herbal medicines: a study with academic nutrition**Conocimiento sobre las plantas medicinales y medicamentos herbarios: un estudio con nutrición académico*

Andreza Sampaio Coelho de Moura¹, Letícia Gonçalves de Araújo², Alessandra Camillo da Silveira Castelo Branco³, Luiza Marly Freitas de Carvalho⁴

RESUMO

O estudo teve por objetivo o conhecimento dos graduandos de nutrição acerca das plantas medicinais e fitoterápicos em uma Instituição de Ensino Superior em Teresina-PI. Trata-se de um estudo descritivo, com abordagem quantitativa, incluindo acadêmicos de Nutrição do 6º, 7º e 8º semestre, avaliados através de um questionário de múltipla escolha, onde os princípios éticos foram respeitados de acordo com a resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. Na concepção da maioria (33,8%), fitoterápico é o medicamento obtido empregando-se exclusivamente matérias-primas ativas vegetais, cuja eficácia e segurança são validadas por meio de levantamentos etnofarmacológicos. As plantas medicinais mais conhecidas foram: Boldo (81,08%), Erva doce (81,08%), Hortelã (66,22%), Camomila (59,46%), Romã (58,11%), Alho (54,05%), Maracujá (50%). Portanto, é preciso uma melhor formação desses profissionais acerca das plantas medicinais e fitoterápicos, para assim orientar a população sobre estes produtos a fim de melhorar sua qualidade de vida. **Descritores:** Plantas Medicinais; Nutricionistas; Fitoterápicos; Conhecimento.

ABSTRACT

The study aimed to the knowledge of the students about nutrition of medicinal plants and herbal medicines in a higher education institution in Teresina-PI. This is a descriptive study with a quantitative approach, including the 6th Nutrition academics, 7th and 8th semester, assessed through a multiple-choice quiz, where the ethical principles were respected according to the resolution 466/12 of National Health Council. In the design of the majority (33.8%), herbal medicine is the medicine obtained using exclusively plant active raw materials, whose effectiveness and safety are validated by ethnopharmacological surveys. The best-known medicinal plants were: Bilberry (81.08%), sweet herb (81.08%), Mint (66.22%), chamomile (59.46%), pomegranate (58.11%), garlic (54.05%), Passion Fruit (50%). Therefore, we need better training of these professionals about medicinal plants and herbal medicines and to guide the public about these products to improve their quality of life. **Descriptors:** Medicinal Plants; nutritionists; herbal medicines; Knowledge.

RESUMEN

El estudio tuvo como objetivo el conocimiento de los estudiantes acerca de la nutrición de las plantas medicinales y hierbas medicinales en una institución de educación superior en Teresina-PI. Se trata de un estudio descriptivo con un enfoque cuantitativo, incluyendo los académicos nutrición de 6º, 7º y 8º semestre, evaluado a través de un cuestionario de opción múltiple, en donde los principios éticos fueron respetados de acuerdo con la resolución 466/12 de Consejo nacional de Salud. en el diseño de la mayoría (33,8%), la medicina herbaria es la medicina obtenidos utilizando exclusivamente materias primas vegetales activos, cuya eficacia y seguridad son validadas por encuestas etnofarmacológicos. Las plantas medicinales más conocidas fueron: Arándano (81,08%), hierba dulce (81,08%), menta (66,22%), manzanilla (59,46%), la granada (58,11%), ajo (54,05%), fruta de la pasión (50%). Por lo tanto, necesitamos una mejor formación de estos profesionales acerca de las plantas medicinales y hierbas medicinales y orientar al público sobre estos productos para mejorar su calidad de vida. **Descriptor:** Plantas medicinales; nutricionistas; hierbas medicinales; Conocimiento.

¹Acadêmica do curso de Nutrição da Faculdade Santo Agostinho . ²Acadêmica do curso de Nutrição da Faculdade Santo Agostinho . ³Docente da Faculdade Santo Agostinho. Faculdade Santo Agostinho, Av. Prof. Valter Alencar 665 - Bairro São Pedro, Teresina-PI, Brasil. E-mail: andrezassampaio@gmail.com. ⁴Docente da Faculdade Santo Agostinho.

Moura, A. S. C. et al.

INTRODUÇÃO

O Brasil tem uma rica história de uso das plantas medicinais no tratamento dos problemas de saúde da população, uso este construído com base na experiência e transmitido de forma oral (BRUNING et al., 2012). Largamente usada até meados do século XX, a fitoterapia entrou em declínio com a intensificação do uso dos medicamentos industrializados (BRUNING et al., 2012).

A utilização de produtos naturais, particularmente da flora, com fins medicinais, nasceu com a humanidade. Índícios do uso de plantas medicinais e tóxicas foram encontrados nas civilizações mais antigas, sendo considerada uma das práticas mais remotas utilizadas pelo homem para cura, prevenção e tratamento de doenças, servindo como importante fonte de compostos biologicamente ativos (ANDRADE; CARDOSO; BASTOS, 2007).

Plantas medicinais, consideradas como toda “espécie vegetal, cultivada ou não, utilizada com propósitos terapêuticos”, fitoterápicos, o “produto obtido de planta medicinal, ou de seus derivados, exceto substâncias isoladas, com finalidade profilática, curativa ou paliativa” (ANVISA; 2013), ou um produto tradicional fitoterápico que consiste naquele “obtido com emprego exclusivo de matérias-primas ativas vegetais, cuja segurança seja baseada por meio da tradicionalidade de uso e que seja caracterizado pela reprodutibilidade e constância de sua qualidade.” (ANVISA, 2013).

Apesar do grande avanço e evolução da medicina, a partir da segunda metade do século XX, as plantas ainda apresentam uma grande contribuição para a manutenção da saúde e alívio às enfermidades em países em desenvolvimento (SOUZA; FELFILI, 2006). Entre os principais motivos, encontram-se as condições de pobreza e

a falta de acesso aos medicamentos, associados à fácil obtenção e tradição do uso de plantas com fins medicinais (VEIGA JUNIOR; PINTO, 2005).

O uso indiscriminado, influenciado muitas vezes pela interpretação equivocada da mídia do que é um produto natural, constitui uma preocupação para a saúde dos brasileiros (FERREIRA; PINTO, 2010), uma vez que pode ocasionar casos de superdosagem, intoxicação, interação com outros medicamentos/alimentos, além dos potenciais efeitos colaterais e adversos.

Para a prescrição de fitoterápicos é necessário que exista um domínio sobre um vasto conhecimento acerca das plantas medicinais: efeito terapêutico, dosagem, posologia, duração do tratamento, forma de apresentação, efeitos adversos, interações com medicamentos e alimentos. As interações farmacológicas e fármaco-nutriente podem implicar em toxicidade, ineficácia do tratamento e deficiências nutricionais.

A competência para a prescrição de plantas medicinais e drogas vegetais é atribuída ao nutricionista sem especialização, enquanto a competência para prescrição de fitoterápicos e de preparações magistrais é atribuída exclusivamente ao nutricionista portador de título de especialista ou certificado de pós-graduação lato sensu nessa área (CFN, 2013).

Sabendo que a prescrição de fitoterápicos por nutricionistas vem sendo amplamente adotada em todo País, este estudo tem como objetivo principal avaliar o conhecimento dos graduandos de nutrição acerca das plantas medicinais e fitoterápicos em uma Instituição de Ensino Superior (IES) em Teresina-PI.

Moura, A. S. C. et al.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo, com abordagem quantitativa, que visa avaliar o conhecimento sobre plantas medicinais e fitoterápicos dos acadêmicos de Nutrição de uma Instituição privada de Teresina, Piauí.

Os participantes dessa pesquisa foram setenta e dois acadêmicos de Nutrição do 6º, 7º e 8º período. Os mesmos foram avaliados através de um questionário contendo vinte e oito questões de múltipla escolha. Os Princípios éticos foram respeitados de acordo com a resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, cujo número do parecer de aprovação: 1.120.847, expedido pelo Comitê de Ética em Pesquisa.

A aplicação dos questionários teve como objetivo obter informações referentes ao conhecimento ou não da fitoterapia pelos acadêmicos, bem como investigar quais as plantas medicinais que já indicam ou conhecem, e se os mesmos tem interesse em buscar um maior conhecimento sobre fitoterápicos.

Foram incluídos na pesquisa os acadêmicos de nutrição do sexto, sétimo e oitavo período, sendo os mesmos com idade igual ou superior a dezoito anos, tanto do sexo feminino como masculino.

Foram excluídos do estudo os acadêmicos que não aceitaram participar da pesquisa, que não estavam presente nos dias de aplicação dos questionários e os que estavam cursando disciplina isolada e transferidos de outra instituição.

Após a coleta, os dados foram analisados estatisticamente pelo software Statistical Package for Social Science (SPSS) versão 16.0 para Windows, por meio de estatística descritiva onde foram calculadas medidas estatísticas e percentuais na base 100.

RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS

As características sociodemográficas dos 74 acadêmicos de Nutrição, integrantes do cenário deste estudo encontram-se na Tabela 1 e são as seguintes: a maioria é do sexo feminino (89,19 %); solteiros (85,14%); Faixa etária de 18-30 anos (93,24%); têm renda familiar acima de dois salários mínimos (64,87 %); São piauienses (68,92%); Apenas estudantes (85,14%);

Resultado semelhante foi encontrado por Alves et. al. (2010) e Bampi et. al. (2013), onde a maioria dos acadêmicos deste estudo é do sexo feminino. A predominância do sexo feminino é justificada pelo fato de os cursos da área da saúde possuírem características histórico-sociais que atraem mais estudantes desse sexo, e também devido à feminização presente em alguns dos cursos estudados, antes feitos predominantemente por homens.

A presença de acadêmicos com idade jovem pode ser considerada, por um lado, como fator positivo, pois esses terão maiores oportunidades antecipadamente e perspectiva de crescimento e progresso, mas, por outro lado, esses discentes enfrentarão os compromissos e os desafios inerentes à condição da profissão, além das dúvidas sobre a escolha da profissão (BRITO; BRITO; SILVA, 2009).

A quantidade expressiva de discentes solteiros reflete o quanto estão ocupados com a formação profissional e postergam um relacionamento afetivo mais sério. (PEREIRA; SANTOS; SILVA, 2010; BRITO; BRITO; SILVA, 2009).

Constatou-se que os acadêmicos contribuem pouco com a renda familiar e a maioria não trabalha, uma vez que estudam na maior parte de seu tempo e os cursos da área da saúde, geralmente, são diurnos e dificultam a inserção no emprego. Ademais, também ocorre a entrada no curso superior de jovens recém-

Moura, A. S. C. et al. formados no ensino médio, cujo sustento financeiro é oriundo de suas famílias (ALVES et. al., 2010; BAMPI et. al., 2013).

sobre plantas medicinais utilizadas pela população atendida no “Programa de Saúde da Família” em que a maior parte das informações sobre a utilização de plantas medicinais é proveniente da tradição familiar.

Em um outro estudo realizado por Araújo e colaboradores (2014) sobre “perfil e prevalência de uso de plantas medicinais em uma unidade básica de saúde da família”, os participantes também relataram que o conhecimento sobre a utilização de plantas medicinais foi adquirido com parentes (84%) e amigos (9%), meios de comunicação (televisão - 2,6%), médico (1,5%), revista (1,5%), além de outros (1,4%).

Quanto à utilização das plantas medicinais, os resultados mostraram que 9,46% dos entrevistados utilizam com frequência, 10,81% utilizam uma vez por semana e 32,43% não utilizam, o que vai ao encontro com o estudo de Trovo (2012) em que os alunos recomendam mais a utilização de terapias alternativas/complementares do que fazem uso das mesmas.

No que se refere a vivência dos entrevistados, 82,43 % já vivenciaram bons resultados com a terapia sendo que destes, 77,03 % fazem ou já fizeram uso da fitoterapia para alguma finalidade. Divergindo do estudo de Maia (2013) com acadêmicos de enfermagem onde 39,4 % já vivenciaram bons resultados com a terapia sendo que destes, 37,2% fazem ou já fizeram uso da fitoterapia para alguma finalidade.

Tabela 1 - Características Sociodemográficas dos participantes do estudo.

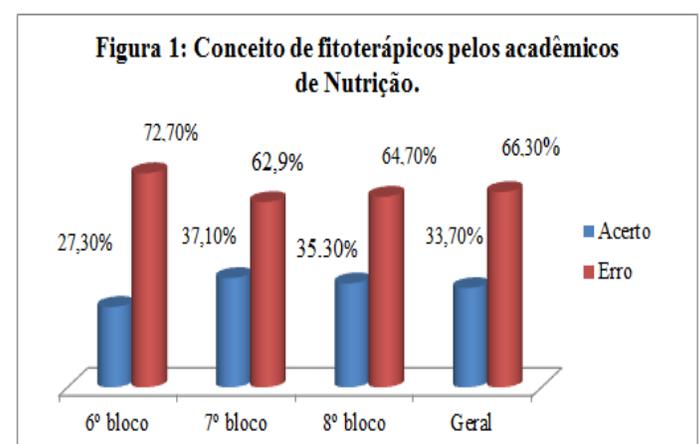
Variável / Categoria	Blocos			Geral (%)
	6º (%)	7º (%)	8º (%)	
Gênero				
Feminino	81,82%	88,57 %	100 %	89,19 %
Masculino	18,18 %	11,43 %	0,00 %	10,81%
Naturalidade				
Piauí	63,64 %	71,43 %	70,59 %	68,92%
Outro Estado	36,36 %	28,57 %	29,41%	31,08%
Estado civil				
Solteira	72,73%	88,58%	94,12%	85,14%
Casada	22,73%	5,71%	5,88%	10,81%
Divorciada/separada	94,54%	0,00%	0,00%	1,35%
Amancebada	0,00%	5,71%	0,00%	2,70%
Faixa etária				
18 a 30 anos	100%	94,29%	82,35%	93,24%
31 a 52 anos	0,00%	5,71%	17,65%	6,76%
> 52 anos	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
Renda familiar				
< 1 salário mínimo	4,54%	2,86%	5,88%	4,05%
1 a 2	40,92%	28,58%	23,53%	31,08%
> 2	54,54%	38,56%	70,59%	64,87%
Ocupação				
Apenas estudante	90,92%	80,00%	88,24%	85,14%
Técnico em Enfermagem	4,54%	0,00%	5,88%	2,70%
Dona de casa	4,54%	5,71%	0,00%	4,05%
Outra	0,00%	14,29%	5,88%	8,11%
Total	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Dos participantes, apenas 75,68 % sinalizam que conhecem o conceito de fitoterapia e na concepção da minoria (33,7%), fitoterápico é o medicamento obtido empregando-se exclusivamente matérias-primas ativas vegetais, cuja eficácia e segurança são validadas por meio de levantamentos etnofarmacológicos. Já no estudo realizado por Maia (2013), sobre o conhecimento dos acadêmicos de enfermagem a respeito do uso de fitoterápicos, apenas 41,5% sinalizaram que conheciam o conceito de fitoterapia.

Em relação à eficácia, indicação e forma de obtenção do conhecimento sobre fitoterápicos, obteve-se o seguinte resultado: (94,59 %) acredita na eficácia dos fitoterápicos, 56,76% já indicaram fitoterápicos, o que diverge com o estudo de Maia (2013), em que apenas 31,9 % dos acadêmicos de enfermagem indicaram fitoterápicos.

O conhecimento sobre o tema foi adquirido por indicação de amigos, vizinhos e parentes (38,10%). Assim como em estudo realizado por Brasileiro e colaboradores (2008)



Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Moura, A. S. C. et al.

Tabela 2- Incidência de conhecimento sobre Fitoterapia e Plantas Mediciniais (PM) *.

Variável / Categoria	Blocos			
	6º (%)	7º (%)	8º (%)	Geral (%)
Conhece o conceito fitoterapia				
Sim	77,27%	71,43%	82,35%	75,68%
Não	22,73%	28,57%	17,65%	24,32%
Indicaria/indicou/utilizou um fitoterápico à alguém				
Sim	59,09%	57,14%	52,94%	56,76%
Não	40,91%	42,86%	47,06%	43,24%
Acredita na eficácia dos fitoterápicos				
Sim	100%	97,14%	82,35%	94,59%
Não	0,00%	2,86%	17,65%	5,41%
Forma de obtenção do conhecimento sobre plantas medicinais				
Amigos parentes/vizinhos	46,15%	45,00%	11,11%	38,10%
Disciplinas da graduação	23,08%	10,0%	77,78%	28,57%
Junto a mídia	23,08%	40,00%	11,11%	28,57%
Outra	7,69%	5,00%	0,00%	4,76%
Frequência com que utiliza plantas medicinais				
Uma vez por semana	9,09%	17,14%	0,00%	10,81%
Duas vezes por semana	0,00%	2,86%	0,00%	1,35%
Três vezes por semana	4,55%	2,86%	5,88%	4,05%
Mais de três vezes por semana	0,00%	5,71%	0,00%	2,70%
Não utiliza	0,00%	5,71%	29,41%	9,46%
Outra	40,91%	31,43%	23,53%	32,43%
Vivenciou bons resultados com o uso da fitoterapia				
Sim	45,45%	34,29%	41,18%	39,19%
Não	86,36%	82,86%	76,47%	82,43%
Utiliza/utilizou para uso pessoal algum fitoterápico				
Sim	13,64%	17,14%	23,53%	17,57%
Não	72,73%	85,71%	64,71%	77,03%
Outra	22,27%	14,29%	35,29%	22,97%
Total	100,0	100,0	100,0	100,0

*Plantas Mediciniais

Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Na questão referente as plantas mais conhecidas, os participantes citaram as seguintes: Boldo (81,08%), Erva doce (81,08%), Hortelã (66,22%), Camomila (59,46%), Romã (58,11%), Alho (54,05%), Maracujá (50%), Eucalipto (47,30%), Aloe/Babosa (43,24%), Guaraná (21,62%), Cascara Sagrada (12,16%), Castanha da Índia (12,16%), Alcachofra (10,81%), Sabugueiro (8,11%), Calêndula (4,05%); e sobre a frequência de utilização, 32,43% não fazem a utilização de plantas medicinais. Em um estudo realizado por Miranda et al. com acadêmicos de farmácia relacionado a utilização de plantas medicinais e medicamentos fitoterápicos, as plantas medicinais mais citadas foram a camomila (13,20%), hortelã (11,21%), guaco (11,21%), boldo-do-chile (10,28%), erva cidreira (4,67%), erva doce (3,73%), espinheira santa (2,80%), maracujá (2,80%), alho (1,87%), melissa (1,87%) e o sene (1,87%). Através disso, podemos observar que algumas plantas citadas no estudo com acadêmicos de farmácia não apareceram no presente estudo, porém plantas como boldo, camomila, erva doce, hortelã aparecem com destaque em ambos.

R. Interd. v. 9, n. 3, p. 18-25, jul. ago. set. 2016

Tabela 3- Plantas Mediciniais mais conhecidas pelos participantes.

Variável / Categoria	Blocos			
	6º (%)	7º (%)	8º (%)	Geral (%)
Conhecimento sobre indicação farmacológica de PM*				
Boldo	81,82%	91,43%	58,82%	81,08%
Camomila	86,36%	71,43%	58,82%	59,46%
Erva doce	68,18%	68,57%	64,71%	81,08%
Alho	40,91%	62,86%	52,94%	54,05%
Romã	59,09%	60,00%	52,94%	58,11%
Hortelã	68,18%	71,43%	52,94%	66,22%
Aloe/babosa	45,45%	37,14%	52,94%	43,24%
Guaraná	13,64%	20,00%	35,29%	21,62%
Eucalipto	40,91%	57,14%	35,29%	47,30%
Alcachofra	4,55%	14,29%	11,77%	10,81%
Castanha da Índia	9,09%	5,71%	29,41%	12,16%
Maracujá	40,91%	60,00%	41,18%	50,00%
Sabugueiro	9,09%	8,57%	5,88%	8,11%
Cáscara sagrada	9,09%	8,57%	23,53%	12,16%
Calêndula	9,09%	2,86%	0,00%	4,05%
Outras	40,90%	17,14%	0,00%	20,27%
Não respondeu	0,00%	0,00%	5,88%	1,35%
Total	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

No quesito opinião, 83,78% não acham seguro a prescrição por profissionais sem especialização a cerca do tema; 86,49% referem não possuir conhecimento para prescrever o uso de um fitoterápico, e que o uso é principalmente devido influência da mídia (72,97%), já no estudo realizado com acadêmicos de farmácia relacionado a utilização de plantas medicinais e medicamentos fitoterápicos por Miranda et al. (2012), 68,2% relataram que a indicação de uso foi prestada por algum familiar, 15,9% dos respondentes informaram terem obtido informações através de outras fontes, tais como farmácias, rádio, televisão, amigos e profissionais da saúde. A consciência dos futuros profissionais é de fundamental importância visto que para prescrever um fitoterápico necessita de conhecimentos que vão desde dosagem, duração do tratamento, efeitos colaterais adversos, interações com alimentos, etc.

Um estudo realizado por Maia (2013) sobre o conhecimento dos acadêmicos de enfermagem a respeito do uso de fitoterápicos observou-se que quanto ao enfoque do tema em sala de aula, a grande maioria relata que o assunto nunca foi abordado (63,8%) e 88,3% dos participantes nunca participaram de um curso que tratasse do tema referido.

Moura, A. S. C. et al.

A prescrição de fitoterápico exige o domínio de um vasto cabedal de conhecimentos e demanda cuidadosa análise do efeito terapêutico, avaliação de dosagem, forma de apresentação, duração do tratamento, dos efeitos colaterais adversos, interações com medicamentos, outros fitoterápicos e alimentos, pois as interações desencadeiam efeitos duplicados, opostos, alterações na absorção, no metabolismo e na excreção, ou seja, essas interações podem implicar toxicidade, ineficácia do tratamento, deficiências nutricionais entre outras consequências (LANINI et al., 2009; FUKUMASU et al., 2008; PITTLER; ERNST, 2003; KENNETH et al., 2006).

Quanto ao enfoque do tema em sala de aula, a grande maioria relata que o assunto foi abordado (77,03%) e 94,59% dos participantes nunca participaram de um curso que tratasse do tema referido.

Tabela 4- Opinião dos acadêmicos em relação a situações a cerca do tema.

Variável / Categoria	Blocos			
	6º (%)	7º (%)	8º (%)	Geral (%)
Entende ser seguro prescrição por profissionais sem especialização na área do tema				
Sim	13,64%	17,14%	17,65%	16,22%
Não	86,36%	82,86%	82,35%	83,78%
Acredita que a mídia influencia as pessoas utilizarem fitoterápicos				
Sim	72,73%	77,14%	64,71%	72,97%
Não	22,27%	27,86%	35,29%	27,03%
Fez algum curso relacionado a terapias alternativas ou fitoterápicas				
Sim	4,55%	5,71%	5,88%	5,41%
Não	95,45%	94,29%	94,12%	94,59%
O tema Fitoterapia ou Plantas medicinais já foi discutido em aula				
Sim	72,73%	74,29%	88,24%	77,03%
Não	22,27%	25,71%	11,76%	22,97%
Acredita que possui conhecimentos para prescrição de fitoterápicos				
Sim	31,82%	8,57%	0,00%	13,51%
Não	68,18%	91,43%	100,0%	86,49%
Total	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Segundo os acadêmicos, os profissionais de saúde devem fazer uso de fitoterápicos no tratamento de doenças (90,54%), e todos os participantes afirmaram que o nutricionista deve ter conhecimento sobre uso, prescrição e contraindicações de fitoterápicos. Já em relação

ao estudo de Maia (2013) com os acadêmicos de enfermagem, 86,2% acham que o enfermeiro deve ter conhecimento sobre uso, prescrição e contraindicação quanto ao uso dos fitoterápicos, o fato este que é regulamentado em lei como uma prática da profissão de enfermagem, sua aplicação pode proporcionar melhoras na qualidade de vida da clientela, influenciando, então, na diminuição da superlotação nos níveis terciários de saúde (BARBOSA et al., 2001).

Segundo Franceschini Filho (2004), “as plantas terapêuticas, desde o início da história da humanidade e até o final do século passado, desempenharam um papel chave na cura das doenças. O homem pré-histórico já utilizava e sabia distinguir as plantas comestíveis daquelas que podiam ajudar a curá-lo de alguma moléstia”. A natureza foi, portanto, o primeiro remédio e a primeira farmácia a que o homem recorreu. Imagina-se que foi por meio da observação dos animais que o homem iniciou a utilização das plantas terapêuticas (LIMA, 2006).

Existe um grande interesse vindo dos estudantes de nutrição em conhecer mais a respeito do assunto, pois 98,65 % dos participantes da pesquisa são a favor da ênfase do tema “Fitoterápicos na prática do nutricionista” na Matriz curricular.

Portanto, faz-se necessário obter-se conhecimento a fim de esclarecer a população sobre alguns pontos essenciais para o uso racional de plantas medicinais tais como: manipulação, coleta e uso terapêutico, com o propósito de correlacionar o saber popular x científico para que o haja a indicação à terapêutica (MEDEIROS, 2000).

CONCLUSÃO

Apesar da presente deficiência em relação à eficácia e a utilização das plantas medicinais e fitoterápicos na grade curricular, é notável que os

Moura, A. S. C. et al. alunos de certa forma possuem algum conhecimento relacionado ao assunto assim, como também o fato do assunto já ter sido discutido em sala de aula. Mas observou-se que muitos dizem saber o conceito, a forma de utilização e a importância no campo da nutrição, porém quando questionados em relação o que são os fitoterápicos, 66,30% dos participantes marcaram as alternativas incorretas. É notável também que muitos já indicaram para alguma pessoa a utilização das plantas medicinais ou fitoterápicos, mas ao mesmo tempo muitos afirmam não ter conhecimento o bastante para a mesma atividade (86,49%).

Com relação às características socioeconômicas, constatou-se que a maior parte dos participantes são solteiros (85,14%) estando também grande parte dos pesquisados na faixa etária de 18 a 30 (93,24%). Sendo importante frisar que 68,92% têm como naturalidade o Piauí e 64,87% possuem uma renda maior que dois salários mínimos mensalmente.

Dentre as plantas medicinais, seis obtiveram um grau de conhecimento maior quanto à utilização no objetivo de benefícios à saúde quando relacionada às outras, sendo elas: boldo erva doce, hortelã, camomila, romã e alho. Com isso é notável que as mais conhecidas sejam aquelas que são encontradas facilmente em qualquer região. E que normalmente são utilizadas no dia a dia da população.

O conhecimento foi adquirido por indicação de amigos, parentes e vizinhos, o que mostra que isso vem da antiguidade e é repassado de uma geração para outra. É evidente que os acadêmicos têm interesse em ter uma especialização em fitoterapia, para que assim possam usar da mesma como forma de trabalho para a melhora da qualidade de vida dos seus pacientes.

Portanto, é preciso incentivar a importância do conhecimento sobre plantas medicinais e fitoterápicos durante a formação desses profissionais, assim sairão preparados para

incentivar e orientar a população sobre os devidos cuidados à saúde, para que assim melhore a qualidade de vida e a prevenção de doenças, levando em consideração o baixo custo e a grande eficácia.

REFERÊNCIA

ALVES, J.G.B. et al. Qualidade de vida em estudantes de Medicina no início e final do curso: avaliação pelo Whoqol-bref. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 1, p. 91-6, 2010.

ANDRADE, S.F.; CARDOSO, L.G.; BASTOS, J.K. Anti-inflammatory and antinociceptive activities of extract, fractions and populonic acid from bark wood of *Austroplenckia populnea*. **Journal of Ethnopharmacology**, v.109, n. 3, p. 464-471, 2007.

BAMPI, L. G. B. et al. Percepção sobre qualidade de vida de estudantes de graduação em enfermagem. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Resolução da Diretoria Colegiada n. 13, de 14 de março de 2013. Dispõe sobre as boas práticas de fabricação de produtos tradicionais fitoterápicos. **Diário Oficial [da] União da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 15 mar. 2013b. Não paginado. Disponível em: <bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2013/rdc0013_14_03_2013.pdf>. Acesso em: 3 jul. 2015.

BRASIL, CONSELHO FEDERAL DE NUTRICIONISTAS. **Resolução CFN 525 de 2013**. Regulamenta a prática da Fitoterapia pelo Nutricionista, atribuindo-lhe competência para, nas modalidades que específica, prescrever plantas medicinais, drogas vegetais e fitoterápicos, como complemento da prescrição dietética e dá outras providências.

BRUNING, M.C.R.; MOSEGUI, G.B.G.; VIANA, C.M.M. A utilização da fitoterapia e de plantas medicinais em unidades básicas de saúde nos municípios de Cascavel e Foz do Iguaçu-Paraná: a visão dos profissionais de saúde. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 17, n. 10, p. 2.675-2.685, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.org/pdf/csc/v17n10/17.pdf>>. Acesso em: 8 fev. 2015.

DUTRA, M.G. Plantas medicinais, fitoterápicos e saúde pública: um diagnóstico situacional em Anápolis, Goiás. 2009. Dissertação [Programa de pós-graduação em Sociedade, Tecnologia e Meio

Moura, A. S. C. et al. Ambiente]. Centro Universitário de Anápolis - UniEvangélica, 2009.

Submissão: 14/03/2016

Aprovação: 25/05/2016

FERREIRA, V.F.; PINTO, A.C. A fitoterapia no mundo atual. *Quím. Nova.*, v. 33, n. 9, 2010, p. 1829-1829. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0100-40422010000900001>> Acesso em 20 fev. 2015.

FRANCESCHINI FILHO, S. *Plantas terapêuticas*. São Paulo: Editora Organizações Andrei, p. 334, 2004.

FUKUMASU, H et al. Fitoterápicos e potenciais interações medicamentosas na terapia do câncer. *Rev Bras Toxicol.*, v. 21, n. 2, p. 49-9, 2008.

KENNETH, A.B. et al. *Interações Medicamentosas: o novo padrão de interações medicamentosas e fitoterápicas*. São Paulo: Manole, 2006.

LANINI, J et al. "O que vem da terra não faz mal" - Relatos de problemas relacionados ao uso de plantas medicinais por raizeiros de Diadema/ SP. *Rev Bras Farmacogn*, v. 19, n. 1, p. 121-9, 2009.

LIMA, L. Fitoterápicos e usos de plantas medicinais. *Jornal da Unesp*, v. 16, n. 166, 2006. Disponível em: <<http://www.unesp.br/aci/jornal/166/farmacologia.htm>>.. Acessado em: 15 de maio de 2014.

MAIA, M.V.P. *O conhecimento dos acadêmicos de enfermagem a respeito do uso de fitoterápicos*. 2013. Monografia (Graduação em enfermagem) - Centro de Ensino Unificado de Brasília, Brasília.

MIRANDA, T. M. F. G.; MARQUES, T. S.; KURIBAYASHI, V. H. C. Utilização de plantas medicinais e medicamentos fitoterápicos por alunos do Curso de Farmácia das Faculdades Integradas de Ourinhos. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Farmácia) - Faculdades Integradas de Ourinhos, 2012.

PITTLER, M.H.; ERNST, E. Systematic review: hepatotoxic events associated with herbal medicinal products. *Aliment Pharmacol Ther*, v. 18, n. 5, p. 451-71, 2003.

SOUZA, C.D.; FELFILI, J.M. Uso de plantas medicinais na região de Alto Paraíso de Goiás, GO, Brasil. *Acta Botânica Brasileira*, v. 20, n. 1, p. 135-142, 2006.

TROVO, M. M; SILVA, M.J.P. Terapias Alternativas/Complementares - a visão do graduando de enfermagem. *Revista Escola de Enfermagem da USP*, São Paulo, v. 36, n. 1, p. 80-87, março, 2012.

VEIGA JÚNIOR, V. F.; PINTO, A. C. Plantas medicinais: cura segura? *Química Nova*, v. 28, n. 3, p. 519-528, 2005.

R. Interd. v. 9, n. 3, p. 18-25, jul. ago. set. 2016